

## Trechos do livro *As vinhas da ira*, de John Steinbeck

(...)

- Mas nós não somos malandros - insistiu Tom. - Tamo procurando trabalho. E aceitando qualquer trabalho. O rapaz cessou de esfregar a fita na haste da válvula. Olhou Tom com surpresa.

- Procurando trabalho, heim? - disse. - Então vocês andam procurando trabalho? E nós todos, que é que estamos procurando por aqui? Diamante? Por que você pensa que a gente teja se maltratando nessas velhas carcaças? - Voltou a esfregar a fita.

Tom olhou em tomo de si; viu as tendas imundas, os velhos carros, os colchões esfarrapados, estendidos ao sol, e as latas negras, nos buracos enegrecidos pelo fogo. Perguntou baixinho:

- Não há trabalho?

- Não sei. Devia ter. Agora justamente não há colheitas por aqui. A uva e o algodão ficam maduros mais tarde. Tocamos pra frente assim que eu terminar com as válvulas. Eu e minha mulher e as crianças. Ouvimos dizer que lá pro norte tem trabalho. Perto de Salinas.

Tom viu como Pai e tio John e o pregador estendiam a lona. sobre os paus e viu Mãe de joelhos lá dentro, escovando o colchão. Uma roda de crianças mantinha-se a alguma distância, observando como se arranjava a nova família, crianças taciturnas, descalças e de cara suja. Tom disse:

- Pela nossa terra passaram homens distribuindo impressos, desses cor de laranja. Diziam que se precisava aqui de muita gente pros trabalhos da colheita. O rapaz nu.

- Diss'que tem aqui umas trezentas mil pessoas, e aposto que todas elas viram esses malditos impressos.

- Pois então? Se não precisam de gente, por que o trabalho de imprimir essas coisas?

- Usa a cabeça.

- Era o que eu gostava de saber.

- Olha - disse o rapaz. - Imagina que você precisa de gente pra um serviço qualquer, e que só um único homem quer aceitar esse serviço. Então você tem de pagar o que o homem exige. Mas imagina que vêm cem homens.
- Abandonou a ferramenta. Seu olhar tornou-se duro e sua voz aguda.
- Imagina que vêm cem homens que querem aceitar o trabalho. Imagina que essa gente tem filhos e que seus filhos têm fome. Imagina que por um níquel à toa eles podem comprar um mingau de milho pros filhos. Imagina que por uns níqueis pode-se comer bastante. E você tem cem homens. Você oferece a eles só um níquel e, vai ver, eles matam-se na luta por esse níquel. Sabe quanto me pagavam no último serviço que tive? Quinze *cents* a hora. Dez horas por um dólar e meio, e a gente não pode pernoitar na fazenda. Tem, ainda, que gastar gasolina pro caminho.
- Estava ofegando de raiva, e o ódio brilhava em seus olhos.
- Foi por isso que distribuíram esses folhetos. Você pode imprimir impressos como o diabo pelo dinheiro que economiza pagando só quinze *cents a hora* de trabalho no campo.
- Mas que sujeira! - disse Tom. O rapaz riu com aspereza.
- Fica aqui algum tempo, e tu vai ver.
- Mas serviço existe, não existe? - disse Tom.
- Meu Deus, com tanta coisa que dá por aqui. Frutas, uvas e legumes - eu vi. Eles têm que precisar de gente!
- (...)

**Steinbeck, John. As vinhas da ira. São Paulo, Círculo do Livro, s/d, 1976, pp. 296-297.**

## **GLOSSÁRIO**

**Haste:** Pau ou ferro em que se ergue alguma coisa, mastro de bandeira, por exemplo.

**Níquel:** Elemento químico utilizado para produção de moedas. No contexto do texto significa dinheiro.

**Cents:** Centavos de dólar.